

(15-30 de agosto de 1959)

Maria, Rainha do mundo¹

Se um dia os homens, não como indivíduos, mas como povos; se um dia os povos souberem pospor-se a si mesmos, à ideia que têm de suas pátrias, a seus reinos, e ofertá-los como incenso ao Senhor, Rei de um Reino que não é deste mundo, Guia da História; se fizerem isto pelo amor recíproco entre os Estados que Deus exige, como exige o amor mútuo entre os irmãos, aquele dia será o início de um tempo novo, porque naquele dia, tal como é viva a presença de Jesus entre dois que se amam em Cristo, Ele estará vivo e presente entre os povos, posto finalmente em seu devido lugar de único Rei, não só dos corações mas das nações: será o Cristo-Rei.

Os povos cristãos, ou seus representantes, deveriam saber imolar seu eu “coletivo”. Este é o preço. De resto, não se requer menos de cada um de nós para a consumação de nossos espíritos na unidade. Estes são os tempos em que cada povo deve ultrapassar os próprios confins e olhar além. Chegou o momento em que a pátria do outro deve ser amada como a própria, em que o nosso olho deve adquirir uma nova pureza. Não basta o desapego de nós mesmos para sermos cristãos. Hoje, os tempos exigem algo mais do seguidor de Cristo, uma consciência social do cristianismo, para que ele edifique não só a própria terra segundo a lei de Cristo, mas ajude na edificação das dos outros com o gesto universal da Igreja, com a visão sobrenatural que Deus Pai nos deu, Ele que do Céu vê as coisas de modo bem diferente de como nós as vemos. É preciso viver o Corpo Místico de Cristo de modo tão excelente que se possa traduzi-lo em corpo místico social.

A história é feita só de guerras, e nós, quando crianças, por pouco não aprendemos nos bancos da escola que as guerras são boas, são santas, quase que salvaguardas da própria pátria. Pode ser assim e algumas vezes assim foi.

Mas se sentimos ressoar em nosso espírito os apelos dos papas, como do Santo Padre Pio XII, vemos quanto eles receavam a guerra para a humanidade e iam, chamados ou não, até os governantes, tentando aplacar as iras, os interesses, e afastar a terrível catástrofe da guerra com a qual tudo se perde, enquanto com a paz tudo se ganha. Isto porque a história é uma sequência de lutas fratricidas entre povos irmãos a quem o único Senhor do mundo deu um pedaço de terra para cultivar e nela viver.

Ele abençoa a paz porque Ele personificou a paz. Nós que vemos como o Senhor está conquistando para si um por um os corações de seus filhos de todas as nações, de todas as línguas, transformando-os em filhos do amor, da alegria, da paz, da ousadia, da força, esperamos que o Senhor tenha piedade deste mundo dividido e disperso, destes povos fechados na própria casca a contemplar a própria beleza - para eles sem igual - limitada e insatisfatória, a defender com unhas e dentes, os próprios tesouros — resguardar até aqueles bens que poderiam servir a outros povos nos quais se morre de fome — e faça cair as barreiras e jorrar em fluxo ininterrupto a caridade entre terra e terra, torrente de bens espirituais e materiais.

Esperamos que o Senhor componha uma ordem nova no mundo, Ele, o único capaz de fazer da humanidade uma família e de preservar as distinções entre os povos, para que, no esplendor de cada um, posto a serviço do outro, reluz a única luz de vida que, embelezando a pátria terrena, faz dela a ante-sala da Pátria eterna.

Talvez tudo o que se vem dizendo pareça um sonho. Mas - à parte o fato que, se a relação entre os

¹ Esta data corresponde à data da publicação em "Città Nuova", 15-16 (1959), págs. 1-2, de onde o escrito foi copiado. É uma parte do discurso *Maria, Mãe e Rainha do mundo*, proferido na Mariápolis de 1959, realizada durante o verão em Fiera di Primiero (vedi volume *Temì Mariapoli 1959*). Publicado também no Livro Ideal e Luz - Editoras Cidade Nova e Brasiliense, São Paulo, 2003 - págs. 288-290.

cristãos é o amor mútuo, a relação entre povos cristãos só pode ser o amor mútuo, pela lógica do Evangelho que não muda - há um vínculo que já une fortemente os povos e que a voz do povo, de cada povo, que tão frequentemente é voz de Deus, já proclamou. Este vínculo oculto e guardado no coração de cada nação é Maria.

Quem será capaz de dissuadir os brasileiros da ideia de que “Nossa Senhora Aparecida”, Maria, é a Rainha de sua terra?

Quem poderá negar aos portugueses que Maria é “Nossa Senhora de Fátima”?

Ou quem não reconhecerá que ela, para os franceses, é a “Sorridente Senhora de Lourdes”?

Para os poloneses, a Virgem de Czestochowa?

Para os ingleses, que sua terra é o “Feudo de Maria”?

E quem poderá negar que Maria é a “Castelã da Itália”?

Quantas vezes na história os povos se refugiaram perto das cidadelas marianas, basílicas e santuários, como querendo se proteger sob o manto da Mãe, quando povos irmãos lutavam contra eles! Todos os povos cristãos já a proclamaram sua Rainha, deles e de seus filhos.

Mas falta uma coisa, e esta, Maria não pode fazer; nós é que devemos ajudá-la. Falta a nossa cooperação para que os povos católicos, como muitos irmãos unidos, vão até ela e a reconheçam ao mesmo tempo Mãe e Rainha. Poderemos coroá-la como tal se, com nossa conversão, com nossas orações, com nossa ação, tirarmos o véu que ainda cobre a sua coroa, a mesma que também lhe deu o Papa quando, tempos atrás, a proclamou Rainha do mundo e do universo. A fração de mundo que está em nossas mãos, nós devemos depô-la a seus pés.

Se hoje certas fronteiras foram quase abolidas por leis não-cristãs entre povos até muito cristãos, Deus talvez o tenha permitido para que o caminho de Maria no mundo que há de vir seja menos dificultado e tudo se converta em “escabelo dos seus pés” (cf. Mateus 5,35), aos pés da maior Rainha que Céu e terra conhecem: Rainha dos homens, Rainha dos santos, Rainha dos anjos, pois quando viveu na terra soube imolar-se totalmente, serva do Senhor, e assim ensinar a seus filhos o caminho da unidade, do abraço universal dos homens, para que seja assim na terra como no Céu.

* * *²

2 Os três asteriscos indicam que a autora é Chiara.